



livro de atas

livro de atas
livro de atas
conference proceedings
conference proceedings

**VI Encontro International
de Formação na Docência**

**6th International Conference
on Teacher Education**

incte'22
international
conference on
teacher education



INCERTEZAS E DESAFIOS
NA INVESTIGAÇÃO
EM EDUCAÇÃO

UNCERTAINTIES AND CHALLENGES
IN EDUCATIONAL RESEARCH



incte²²
international
conference on
teacher education



Bragança . 2022





Título | Title

VI Encontro International
de Formação na Docência | Livro de Atas

6th International Conference
on Teacher Education | Conference Proceedings

Editores | Editors

Elisabete Mendes Silva, Cristina Mesquita, Manuel Vara Pires, Rui Pedro Lopes
Instituto Politécnico de Bragança

Editores de Comunicação e Design | Communication and Design Editors

Jacinta & Carlos Casimiro da Costa | Instituto Politécnico de Bragança

Publicação | Publisher

Instituto Politécnico de Bragança

Morada | Address

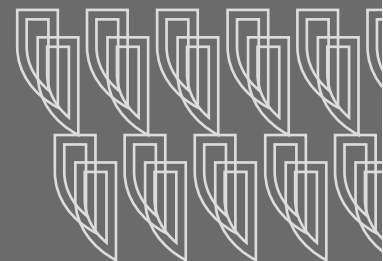
Escola Superior de Educação de Bragança
Campus de Santa Apolónia
5300-253 Bragança . Portugal
<http://incte.ipb.pt/>
incte@ipb.pt

ISBN + Handle

978-972-745-301-6 | <http://hdl.handle.net/10198/25401>



DOI

<https://doi.org/10.34620/incte.2022>



(re)Equacionar formas de fazer aprender: vivência(s) e experiência(s) resultantes da PES

(re)Equate ways to make learning: Perception(s) and experience(s) resulting from STP

Mariana Godinho¹,  0000-0003-1658-4728, Daniela Gonçalves²,  0000-0003-2138-1124
godinho.mariana7@gmail.com, dag@esepf.pt

¹ *CIPAF, Portugal*

² *Escola Superior de Educação Paula Frassinetti, CIDTFF, CIPAF, Portugal*

Resumo

O ensino tradicional caracteriza-se por um modelo pedagógico de transmissão de conhecimentos, que tem lugar numa sala de aula uniformizada/estática. As práticas de ensino contemporâneas mostram que os professores querem mudar para um paradigma diferente, com maior diversidade pedagógica, o que facilita uma aprendizagem personalizada centrada no aluno e ativa, ao mesmo tempo que visa a construção de competências essenciais para responder positivamente às exigências futuras. A proposta que aqui se apresenta, de natureza qualitativa, contemplou os seguintes instrumentos de recolha de dados: inquérito por entrevista, realizado às famílias dos alunos de uma turma de 5.º ano de escolaridade e aos próprios alunos, com o intuito de perceber as suas perceções acerca do ensino em Portugal e um focus group que contou com uma reflexão e comparação da educação tradicional e da educação contemporânea e, o inquérito por questionário, cujos destinatários foram professores em situação pré-profissional e professores no ativo de modo a compreender as suas apreciações relativamente ao papel escola, do professor e o da educação. As conclusões do estudo revelam que um exercício profissional docente, centralizado no aluno e na sua aprendizagem, é fundamental para o sucesso educativo, assim como a utilização de metodologias ativas, recursos e instrumentos diversificados aumentam a motivação, o interesse e o empenho por parte dos mesmos, no que se refere ao processo de ensino e de aprendizagem, embora alguns professores estejam ainda longe de uma utilização apropriada dos mesmos.

Palavras-Chave: práticas de ensino, metodologias ativas, diversidade pedagógica, prática de ensino supervisionada.

Abstract

Traditional teaching is characterized by a pedagogical model of knowledge transmission, which takes place in a uniformed/static classroom. Contemporary teaching practices show that many teachers want to shift to a different paradigm, with greater pedagogical diversity, which facilitates active, student-centered personalized learning, while aiming at building essential skills to respond positively to future demands. The proposal presented here, of a qualitative nature, included the following data collection instruments: an interview survey, carried out with the families of students in a 5th grade class and with the students

themselves, in order to understand their perceptions about teaching in Portugal and a focus group that included a reflection and comparison of traditional education and contemporary education, and the questionnaire survey, whose recipients were pre-professional teachers and active teachers in order to understand their assessments regarding the role of school, of the teacher and of education. The study's conclusions reveal that a professional teaching practice, centered on the student and his learning, is fundamental for educational success, as well as the use of active methodologies, resources and diversified instruments increase motivation, interest, and commitment on the part of the students. In terms of the teaching and learning process, although some teachers are still far from using them properly.

Keywords: teaching practices, active methodologies, pedagogical diversity, supervised teaching practice.

1 (re)Equacionar novas formas de fazer aprender

Nos últimos tempos, assistimos a grandes mudanças no mundo e nas diferentes áreas de investigação, nomeadamente na educação. Embora as mudanças desta tenham vindo a ocorrer, ainda, “(...) continua inscrita numa gramática própria do século dezanove” (Palmeirão & Alves, 2018, p. 4). A educação de ontem serve de padrão para a educação de hoje e de amanhã. Os paradigmas da educação tradicional influenciam a educação de hoje, pois só é possível progredir e inovar com os exemplos do passado.

Embora os princípios da educação nova já se aproximem dos ideais da educação contemporânea, a escola de hoje não deve ser a mesma de alguns anos atrás; as práticas e as metodologias utilizadas antigamente já não são suficientes para colmatar as necessidades atuais da sociedade e dos alunos.

Atualmente, o acesso à informação é cada vez mais acessível e rápido e os alunos, cada vez mais cedo, revelam-se autónomos e encontram-se conectados às novas tecnologias, o que tem um grande impacto na forma de ensinar e aprender. A escola de hoje deve romper com as normas tradicionais de ensinar e preparar os alunos para os desafios da sociedade. É preciso cada vez mais criar estratégias inovadoras para o processo de ensino e de aprendizagem, não usando unicamente as tecnologias como recurso. É possível tornar qualquer recurso em instrumentos didáticos e inovadores, capazes de motivar o aluno para aprender. A educação do século XXI é sinónimo de múltiplos desafios, exige mudança, ação e criatividade, construindo uma escola de todos e para todos. Segundo Fernando Elias (2020), a mudança só é possível com o trabalho colaborativo dos professores, pois estes desempenham um papel indispensável na construção de uma escola mais democrática e inclusiva. Hoje, as escolas têm consciência que aprender é muito mais importante do que ensinar e que cada aluno tem o seu próprio ritmo de aprendizagem. A escola de hoje é feita de relações, de efetividade e de compromissos não só para com os alunos como para toda a comunidade educativa.

São visíveis as grandes mudanças no ensino em Portugal e, apesar do caminho ainda ser longo - “hoje, estamos no tempo certo de mudança. Da “escola que temos” para a “escola que queremos” (Elias, 2020). É oferecida às escolas “a capacidade de refletirem e desenvolverem lógicas organizacionais e processos pedagógicos, visando a sua (re)construção e desenvolvimento curricular”, um exemplo claro disso, é o facto de estas poderem gerir até 25 % da carga horária semanal, por ano de escolaridade, ou, no caso

dos cursos de educação e formação de jovens e dos cursos profissionais, da carga horária total do ciclo de formação. A referida autonomia assenta num conjunto de medidas e de iniciativas que convergem para a construção de uma escola inclusiva, bem como para o desenvolvimento de aprendizagens de qualidade (efetivas, sentidas e significativas), enquanto respostas efetivas às necessidades educativas de todos os alunos. Pretende-se, pois, permitir às escolas a gestão do currículo, de forma autónoma, flexível, atendendo ao meio em que se inserem, no sentido de todos os alunos alcancem as competências previstas no Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória (Martins et al, 2018).

Segundo Cosme (2018), este projeto conduz as escolas e os professores a “assumirem decisões curriculares capazes de suscitar um trabalho de formação culturalmente significativo e a investirem noutros modos de organizar os espaços e os tempos de trabalho” (p.12) e a “proporem um outro tipo de atividades e estratégias que estimulem a inteligência, a autonomia solidária e a participação dos seus alunos na gestão do quotidiano na sala de aula” (Cosme, 2018, p. 7).

É necessário adaptar as técnicas de ensino às necessidades contemporâneas, pois atualmente, a palavra de ordem quando se fala de educação é inovação, sendo urgente inovar para mudar a escola. Apesar de este ser o principal foco da escola contemporânea, é necessário saber de que forma a inovação realmente está a contribuir para a educação e não apenas a seguir a tendência atual de se criarem conteúdos e métodos de ensino.

“Há uma distinção clara entre “inovação (innovation) e capacidade de inovar (innovativeness): o primeiro termo diz respeito ao conteúdo de um determinado programa novo, enquanto o segundo envolve as capacidades de uma organização em busca de uma melhoria contínua” (Pacheco, 2019, p. 89). Essa melhoria deve ser vista pelo professor como indispensável na sua vida profissional.

Os desafios da escola contemporânea estão diretamente ligados à formação de professores, inicial e contínua, nomeadamente questões sobre a avaliação, a motivação para aprender, a relação pedagógica, o programa, entre outros. Desta forma, o papel do professor é cada vez mais complexo e desafiante.

Mas a questão que se pretende colocar é: como será a escola de amanhã? Quais os desafios?

Fernando Elias (2020) apresenta uma reflexão em torno desta questão, afirmando que “para preparar a Escola de Amanhã, precisamos também de pontos de diálogo com pessoas, instituições com diferentes e multidisciplinares olhares sobre a Escola para se debaterem as questões-chave, os desafios que se colocam no futuro”. Para o autor, é fundamental perceber os motivos que levam os alunos a não aprenderem, é necessário “criar ambientes de aprendizagem mais estimulantes que envolvam todos os alunos, promovendo aprendizagens contextualizadas, significativas” (Elias, 2020) e, ainda, desenvolver vínculos afetivos, capazes de gerarem uma ligação de confiança entre o professor e o aluno.

Segundo Lima (2017), apesar do mundo ter mudado muito nos últimos vinte anos e que provavelmente mudará ainda mais nos próximos vinte, a escola alterou-se muito pouco nos últimos cento e cinquenta anos, “principalmente no que diz respeito à sua organização e a forma como sucedem as interações em contexto de aprendizagem” (p. 25).

No ponto de vista de Fino (2013), “quando tentamos imaginar o futuro da escola, olhamos para a escola que temos ou que já tivemos, inventariamos as coisas que mais nos parecem

condicionar o presente, e acreditamos que condicionarão ainda mais o futuro, e extrapolamos o que somos capazes” (p.10), ou seja, o presente e as ideias que temos do passado influenciam a forma como idealizamos a escola do futuro. Neste sentido Morgado (2017), defende que é mais fácil enumerar aspetos que hoje definem a escola do que idealizar os que devem presidir daqui a alguns anos, ou seja, devemos refletir sobre “como não será a escola do futuro” (p.38), aquilo que temos a certeza que não queremos que vigore no futuro da educação. Existem principalmente dois aspetos que caracterizam a escola de hoje que nos ajudam a imaginar a “escola que não queremos” (p.39). O primeiro aspeto descrito pelo autor é “a prevalência de uma clara rigidez organizacional e funcional na escola” (p.39), ou seja, o facto da escola ainda funcionar por anos de escolaridade e na “base de uma estrutura curricular organizada por disciplinas” (p.39) que não permite uma visão de interdisciplinaridade, mas sim a fragmentação do conhecimento.

Este aspeto é também evidenciado por Rui Lima (2017), que defende que

num sistema educativo ideal, os alunos não estariam inseridos numa turma, num determinado ano de escolaridade, mas agrupados segundo o nível de competências em diferentes domínios ou por áreas de preferência. Haveria uma maior preocupação com o desenvolvimento do aluno, acompanhando-se a sua evolução em diferentes campos, procurando desenvolver-se nele as competências que lhe permitiriam crescer, aprender e viver em sociedade. Um aluno poderia estar no primeiro ano em Língua Portuguesa, mas no terceiro em Matemática. Poderia trabalhar nas áreas normalmente apelidadas de curriculares, mas também noutras que fossem mais ao encontro das suas vontades, dos seus desejos, dos seus interesses (p.6).

O segundo aspeto, diretamente ligado ao anterior, apresentado por Morgado (2017), refere-se “ao facto de continuarmos a instituir numa “escola de conteúdos”, de preferências disciplinares, quando vivemos já numa “sociedade de competências”” (p.39). Portanto, a principal finalidade da escola não deve passar pela transmissão dos conteúdos, mas sim desenvolver “atitudes investigativas perante o conhecimento científico e humanístico” (Morgado, 2017, p.39). É necessário que a escola faça da aprendizagem a sua prioridade e que inclua as novas tecnologias, reconhecidas atualmente como fundamentais numa escola que “pretende romper com esquemas organizativos seculares e alterar de forma significativa o modo como funciona” (Morgado, 2017, p. 40).

É inquestionável que num futuro próximo a tecnologia esteja ainda mais presente no mundo da educação devido aos avanços que tem tido nos últimos anos. Segundo Fernando Elias (2020), “as ferramentas digitais, plataformas online são e serão essenciais para uma aprendizagem motivada e motivadora, significativa, utilitária, funcional e mais contextualizada”, contudo esta não deve substituir o papel do professor, mas sim, repensar na sua função e nas estratégias a implementar na sala de aula.

Neste âmbito, e associando aos (novos) modos de fazer aprender, é de realçar o conceito de inovação:

destaca-se a natureza contextual e multifacetada da inovação pedagógica, que se revela em várias dimensões, embora se centre sobretudo nas práticas de ensino e de aprendizagem, cuja implementação implica uma mudança significativa e

duradoura face ao que existia anteriormente. A nosso ver, a inovação pedagógica é efetivamente mensurável, na medida em que é indissociável de uma ação, que resulta da necessidade de resolver um problema ou de uma oportunidade de desenvolvimento (Marques & Gonçalves, 2021, p. 41).

2 Metodologia

A proposta que aqui se apresenta, de natureza qualitativa, é resultante de um processo de formação e de intervenção educativa, no âmbito da prática de ensino supervisionada. Com a finalidade de compreender os múltiplos olhares sobre a educação, o processo de investigação contemplou os seguintes instrumentos de recolha de dados: inquérito por entrevista, realizado às famílias dos alunos de uma turma de 5.º ano de escolaridade e aos próprios alunos (22), com o intuito de perceber as suas perceções acerca do ensino em Portugal e um focus group que contou com uma reflexão e comparação da educação tradicional e da educação contemporânea e, o inquérito por questionário, cujos destinatários foram professores, tendo em conta os seguintes objetivos específicos: a) apresentar a perceção dos familiares dos alunos sobre a educação; b) comparar os olhares dos familiares dos alunos com a própria visão dos mesmos sobre a educação tradicional e a educação contemporânea; c) apresentar os dados do inquérito por questionário, cujos destinatários foram professores em situação pré-profissional e professores no ativo de modo a compreender as suas apreciações relativamente ao papel escola, do professor e o da educação.

2.1 Apresentação dos resultados dos inquéritos por entrevista

As respostas às entrevistas foram organizadas num protocolo (contemplando com duas tabelas - familiares do aluno e alunos, de forma a garantir a confidencialidade e o anonimato, as respostas foram transcritas de F1 a F20 e de A1 a A22, respetivamente). A partir de um quadro de referentes, foram definidas categorias e subcategorias convergentes alinhadas com o guião do inquérito por entrevista. Todos os dados foram alvo de uma análise de conteúdo.

Uma vez que foram os próprios alunos a fazerem a entrevista a um familiar e a escreverem as respostas dadas pelos mesmos foi notório alguns erros ortográficos e de concordância frásica. É importante ainda salientar que ambas as entrevistas apresentam respostas a questões abertas e, por isso, ricas em informação onde se pretende conhecer as perceções de vinte familiares e vinte e dois alunos do 5.º ano de escolaridade.

No que diz respeito ao grau de parentesco dos vinte entrevistados, importa referir que onze são mães, cinco são pais, um tio, um avô e duas avós.

Quando questionados sobre as melhores e as piores memórias que tinham da escola as respostas não variaram muito, pois de uma forma geral todas as boas memórias estão ligadas às amizades que criaram, às brincadeiras e a alguns professores. Nas piores memórias, as respostas são diferenciadas e relacionadas com vivências de cada um, o familiar F12 relata que “(...) a pior foi quando eu fiz um desenho a guache e ficou tudo borrato” ou ainda o familiar 9 que diz “as minhas piores foi quando fui assaltado na escola” outras mencionam como as piores memórias “(...) a decepção em avaliações menos boas” (F3) e “os dias de teste (stress, nervosismo e bloqueio)” (F17).

Na questão “como é era a tua escola no 5.º ano de escolaridade, ou seja, o ano que frequente?”, muitos dos entrevistados referiram-se à estrutura da escola “era uma escola muito grande em que as salas se distribuíam por quatro pavilhões distanciados entre si (F6) ou a aspetos sociais “era uma escola conflituosa. Com muita violência” (F3) e “no 5.º ano mudei de escola passei para uma escola muito grande. Durante algum tempo tive medo até porque aconteceu a revolução do 25 de Abril” (F10).

Quanto às disciplinas preferidas, 10 dos entrevistados responderam História, 6 Português, 5 Ciências, sendo que também foram destacadas disciplinas como Botânica e Trabalhos Manuais.

Passando para a categoria “Professor” e quando questionados se “houve algum professor que te marcou” e “se sim, porquê” pode-se destacar as seguintes respostas: “Houve vários professores que me marcaram. Alguns pela positiva e outros pela negativa” (F3), sendo que “os que marcaram pela positiva destacam-se pela compreensão e carinho que demonstram com os alunos. Os que marcaram de forma negativa os que eram rígidos e pouco compreensivos com as dificuldades de cada aluno e pela falta de motivação” (F3); “Sim, a professora de Francês e de Música” (F4), pois “ambas eram excelentes professoras que gostavam de ensinar e transmitiam o seu entusiasmo aos alunos” (F4);” Sim. Uma professora de Português” (F16) “essa professora marcou-me porque era apaixonada pelo que fazia e conseguia transmitir essa paixão pela literatura” (F16); “A professora que mais me marcou foi a de geografia, professora Ana Melo” (F18), pois “quando estava no 9.º ano, a turma era muito malcomportada. A professora Ana Melo sempre me incentivou a estudar e a não prestar atenção aos comportamentos dos outros” (F18). De um modo geral, muitas respostas incluíam o nome dos professores o que reflete a importância que estes tiveram na vida das pessoas e, ainda, se analisarmos a razão pela qual estes são mencionados repara-se que muitas respostas dizem respeito ao perfil do professor tanto nas relações com os alunos como na transmissão dos conteúdos.

O último descritor relaciona-se com o papel da educação sendo questionado: “que aspetos melhoravas nesse ensino?”; “o que significa uma educação de qualidade?”; “estaremos no bom caminho?”. Na primeira pergunta deste último descritor, foram referidas diferentes opiniões os que acreditam que o ensino era melhor anteriormente como se pode comprovar com as seguintes afirmações: “sinceramente acho que estava mais bem organizado nessa altura” (F6) e “visto à distância o ensino apesar de recorrer muito à memorização era bastante completo” (F19) e, ainda, os que sentem que haveria bastantes coisas a melhorar como “termos aulas mais práticas” (F17), “(...) que fosse mais de avaliação continua e mais focado no desenvolvimento de cada aluno (F1) ou ainda “respeitar mais a diferença dos alunos. Menos focados nas notas e mais na criatividade” (F7).

Quando questionados sobre o que significa uma educação de qualidade, todas as respostas dadas focam-se na aprendizagem do aluno, na motivação, na igualdade e no desenvolvimento de capacidades sociais. É importante destacar algumas dessas respostas pela mensagem que estas transmitem: “educação de qualidade reflete-se na capacidade de passar ao aluno o gosto de aprender. Desenvolver as capacidades como aluno e como cidadão. Criar bases a todos para que possam ser a sua melhor versão. Capacidade de desenvolver o aluno ao nível físico e social” (F3); “bons professores, que sejam apaixonados pelo ensino transmitindo o seu conhecimento da melhor forma possível e disponíveis para auxiliar os alunos sempre que necessário” (F6); “ensino multidisciplinar

que estimula o raciocínio e a liberdade de pensamento. Que permita que cada um aprenda à sua velocidade que permita a cooperação entre os alunos e que lhes dê espaço e mais tempo ao ar livre” (F11); “educação de qualidade é todos termos igualdade de acesso à educação, a preços acessíveis, em termos universitários, melhores instalações, mais professores qualificados, etc.” (F18).

Já no que diz respeito aos alunos, na categoria Escola, foram questionados sobre o modo como idealizam a sua escola de sonho. Apesar de haver um leque de diversas respostas existem elementos comuns como: as brincadeiras, os espaços ao ar livre, os jogos e a relação professor-aluno.

O A1 imagina a escola de sonho em que “(...) só houvesse as professoras que mais gosto incluindo uma professora amável e só havia Educação Visual, TIC, Ciências, Matemática e Português”, o A5 idealiza-a “com um bom ambiente, com boas pessoas e que seja num sítio bonito”, o A7 imagina a sua escola de sonho “com um parque aquático e com um jardim do tamanho do mundo cheio de baloiços de flores e mesas de comidas maravilhosas”, já para o A12, a escola de sonho “dava mais valor a algumas atividades e ensinava o essencial para a sobrevivência como cozinhar, usar o kit de primeiros socorros...”. Para dois dos alunos é imprescindível haver computadores, telemóveis e videojogos, mas para outro “apenas ter oportunidade de poder estudar, já é bom”.

No que diz respeito à questão: “Quais são as tuas disciplinas preferidas?”, quinze alunos responderam História e Geografia de Portugal, catorze alunos responderam Educação Física, doze responderam EV, nove responderam Português, oito responderam Matemática seguido de Ciências Naturais e Inglês com quatro alunos e Cidadania e TIC com uma e duas respostas, correspondentemente.

Nas disciplinas que menos gostam, doze alunos responderam música, sete responderam Matemática, seis Ciências, as disciplinas de Educação Física, Português e EV tiveram duas referências cada e Inglês e TIC uma. A disciplina de Música suscitou alguma curiosidade por não ter sido mencionada nenhuma vez nas disciplinas preferidas e ser a mais referenciada nas disciplinas que menos gostam, por isso, ao analisar o motivo pelo qual isto aconteceu, percebeu-se que devido à pandemia, os alunos não podem tocar nenhum instrumento, neste caso, a flauta, pois para isso teriam de estar sem máscara dentro da sala de aula o que torna a disciplina mais teórica e pouco prática.

Na categoria Educação e na questão “o que mudavas na educação?”, a maioria dos alunos fizeram referência aos trabalhos de casa, ao tempo no recreio, aos testes e às atividades desenvolvidas dentro da sala de aula, como se pode comprovar com as seguintes respostas: “acho que os trabalhos deviam ser mais feitos na aula e menos em casa, e ter um intervalo maior e também mais trabalhos de grupo” (A20); “na educação eu penso que se podia dar mais valor às atividades em grupo” (A12); “fazíamos mais atividades de pé”(A17).

Na última questão, “estaremos no bom caminho?”, houve quem concordasse “sem dúvida” (F17), mas, ao mesmo tempo, há quem considere que ainda existem bastantes aspetos a melhorar como é relatado pelo familiar 1 (F1) - “tem havido evolução mais ainda estamos longe de um ensino que se adapte às necessidades de desenvolvimento de cada um e que estimule o pensamento crítico através de mais trabalhos de resolução de problemas e projetos”; para além disso, de salientar a discordância: “não. O ensino deve ser menos mecanizado, mais prático, mais polivalente e mais cooperativo” e “enquanto a profissão do professor não for valorizada e perceberem que o papel do professor, nestas

idades, é fundamental para a formação de outras áreas, muito dificilmente haverá melhorias no processo de ensino. Ensinar é muito mais que ensinar conteúdos e avaliações” (F3). A este propósito, os alunos realçam o seguinte: “menos testes, menos TPC e mais jogos da matéria estudada” (A5); “acho que os trabalhos deviam ser mais feitos na aula e menos em casa, e ter um intervalo maior e também mais trabalhos de grupo” (A20); “na educação eu penso que se podia dar mais valor às atividades em grupo” (A12); “fazíamos mais atividades de pé” (A17).

Na última questão - “o que significa uma educação de qualidade” - houve variadíssimas respostas, sendo que no geral os alunos referem que uma educação de qualidade significa, muitas vezes, alterar o funcionamento e as estruturas das aulas. O aluno 1 referiu que para ele “significa os professores respeitarem os alunos e os alunos aos professores”; para o A2, “as cadeiras passarem a ser poufs e aquecedores nos pés”, já para o A7 para uma educação de qualidade deve-se “incentivar os alunos a ajudar os alunos”. Para o A9, significa “bom ensino, divertimento, cooperação e mais amizade”.

2.2 Apresentação dos resultados dos *focus group*

Após a análise das entrevistas, sentiu-se a necessidade de realizar um *focus group* para aprofundar ideias, comparar as respostas obtidas nas duas entrevistas e dirigir questões que promovessem a reflexão entre as diferenças existentes na educação de ontem (tradicional) e a educação de hoje (contemporânea).

O *focus group* foi realizado na disciplina de Cidadania e, de modo a facilitar o debate, foi distribuído a cada aluno dois *post-it*: num deles teriam de escrever o que mais lhes marcou nos relatos revelados pelo familiar na entrevista realizada a sua educação, no outro, deveriam escrever o que existe hoje na educação que antes não existia.

Seguidamente, dividiu-se uma cartolina a meio, onde os alunos colaram dois *post-it* em lados diferentes, facilitando a visualização das diferenças entre os dois tempos e o debate. Para isto, pediu-se aos alunos que comentassem as diferenças que conseguiam facilmente observar e que comentassem a que mais lhes marcou, o que tornou este momento bastante interessante pois os alunos não só contaram histórias que os familiares lhes tinham contado enquanto realizavam a entrevista como mencionaram vários aspetos que caracterizam a educação de ontem e a de hoje, como se pode observar nas seguintes figuras:

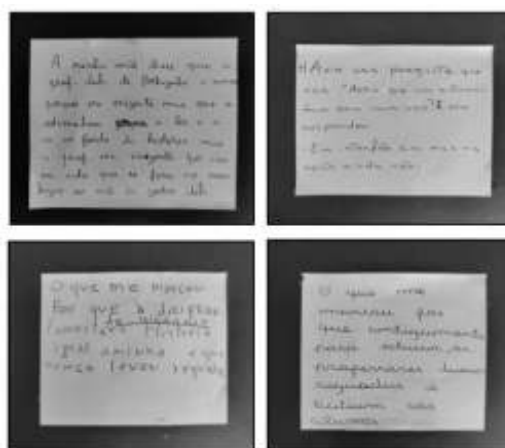


Figura 1: A educação de ontem

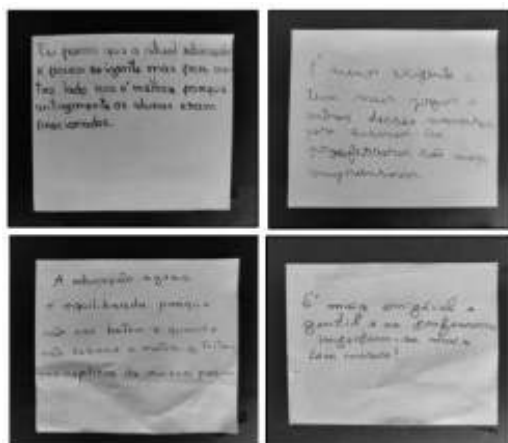


Figura 2: A educação de hoje

Com a realização do *focus group* foi possível concluir que os alunos perceberam as diferenças entre as práticas educativas contemporâneas e as tradicionais, salientando várias características do perfil do professor na atualidade como a empatia, a atenção individualizada e o ensino explícito.

2.3 Apresentação dos resultados do inquérito por questionário

Realizado o pré-teste, e recorrendo à análise descritiva e inferencial, relativamente à identificação dos 85 entrevistados, todos eram do sexo feminino (100%), com idade compreendidas entre os 21 e os 62 anos. Aproximadamente metade dos entrevistados (53%) têm idade inferior a 40 anos, sendo que desses, 37% têm menos de trinta anos e 16% tem uma idade igual ou superior a 30. Os outros 47% correspondem a pessoas com mais de 40 anos, 34% com idades até aos 50 anos, 7% com idades entre os 50 e os 60 e 6% com mais de 60 anos.

Relativamente às habilitações académicas, 67% dos entrevistados são licenciados, 26% possuem um Mestrado e 6% têm uma Especialização/Pós-Graduação. A nível profissional 66% dos entrevistados são professores do ensino básico, 57% professoras do 1º Ciclo e 9% professoras do 2º Ciclo. Os restantes 34% correspondem a entrevistados que se encontram a estudar e trabalhar (15%) ou unicamente a estudar (19%).

Os entrevistados tiveram de dar a sua opinião recorrendo a uma escala tipo likert (concordo totalmente, concordo, discordo totalmente, discordo e não sei) relativamente várias afirmações, tendo em conta as seguintes categorias: Escola, Professor e Educação.

Todos os entrevistados concordaram que a escola deve garantir igualdade de acesso a todos os alunos, onde 91% selecionou a opção “Concordo Totalmente” e 9% a opção “Concordo”. Relativamente ao sucesso dos alunos, 97% dos entrevistados concorda que a escola o deve garantir a todos os alunos, com uma grande percentagem (67%) a selecionar a opção “Concordo Totalmente” e apenas 3% discordaram. Foi também de concordância unânime que a escola deve envolver todos os membros da comunidade educativa, com 75% a selecionarem “Concordo totalmente”. Apesar de existir uma pequena percentagem (3%) que discorda que a participação das famílias e da comunidade pode melhorar o rendimento escolar dos alunos, a maioria (97%) considera que esta participação pode ter resultados positivos. Segundo as respostas obtidas nesta pergunta, 79% dos entrevistados discorda que a escola deve apenas criar condições de

aprendizagem para os conteúdos abordados nas disciplinas, 12% concordam com a afirmação e 9% não tem uma opinião formada sobre o assunto. Quanto à monodocência, a maioria (72%) dos entrevistados discorda que seja uma forma de garantir o sucesso de todos os alunos e 20% concorda, havendo 8% que não sabe. Sobre a pluridocência, 82% concordaram que esta permite diferentes olhares sobre o aluno, estimulando o processo de aprendizagem, havendo apenas 16% que não concordaram. Relativamente às ações estratégicas de ensino serem determinantes na aprendizagem e deverem estar alinhadas com o projeto institucional, houve maioritariamente uma concordância (87%) e apenas 13% de discordância. Quanto à importância do projeto educativo, 59% concordam que seja o documento mais importante para o planeamento da ação educativa, mas 37% discordam e 4% não tem opinião sobre o assunto. 95% dos entrevistados concordou que a Escola deve dinamizar relações com outras estruturas da comunidade educativa, sendo que 73% escolheram a opção “Concordo Totalmente” e que houve apenas 5% a discordar.

Relativamente à categoria, Professor, todos os inquiridos consideraram que um bom professor deve motivar os alunos para a aprendizagem. Relativamente a planificar estrategicamente as suas ações, 94% concordam que o professor tem esse dever, mas 6% discordam. 92% dos entrevistados concordam que um bom professor deve definir a sua intencionalidade em todos os momentos de intervenção educativa e 8% discordam. No que diz respeito a dar voz a todos os alunos 100% concordam (81% - concordam totalmente e 19% - concordam) que o professor deve fazê-lo. Todos os entrevistados concordam que o professor deve utilizar metodologias ativas que promovam as aprendizagens ativas. Quanto à inteligência ser uma capacidade que torna as pessoas capazes de armazenar informação, 68% discordam que o professor deve incentivar à memorização, 28% concordam que o deva fazer e 4% não sabem. No que diz respeito à afirmação apresentada, 88% concordam que o professor deva investir em eixos de profissionalidade docente, 8 discordam (5% - discordam e 3% discordam totalmente) e 3% não sabem. No que concerne ao trabalho colaborativo, 58% concordam totalmente que o bom desempenho do docente implica esse trabalho, 39% concordam, 2% discordam e 1% não sabe. Relativamente aos recursos e suportes que são utilizados nas estratégias de ensino, 97% concorda que professor deve diversificar esses mesmo recursos, 3% discordam. 67% dos entrevistados discordam (46% - discordam e 21% - discordam totalmente) que o professor deve alicerçar a sua ação na tradição, 25% concorda e 8% não sabem. No que toca à diferenciação pedagógica, 75% dos entrevistados concordam totalmente que o professor deve implementá-la na sala de aula, 21% concordam; contudo, 4% discordam. Relativamente aos métodos pedagógicos, 58% dos entrevistados discordam que para ser um professor inovador não se deve utilizar o método expositivo, sendo que 41% concordam e 1% não sabe. Dos entrevistados, 99% concordam (86% - concordam totalmente e 13% - concordam) que o professor deve envolver todos os alunos no seu processo de ensino aprendizagem, no entanto, 1% discorda. Quanto ao programa, 80% dos entrevistados discordam que o professor deve limitar-se a segui-lo, 13% não sabem e 7% concorda. Sobre a utilização da inovação nas aulas, 52% concordam que devido à extensão do programa o professor não consegue ser inovador, 46% discordam e 2% não sabem. Relativamente à Educação, dos 85 entrevistados, 84% concordam que a educação sofreu bastantes alterações nos últimos anos, mas que 15% discorda. Numa educação de qualidade, 95% dos entrevistados concorda totalmente que o foco está no desenvolvimento integral do aluno e 4% discorda. Quanto à mudança educativa, 50% acredita que estamos “num bom caminho”, contudo 49% discorda. Sobre a educação de qualidade estimular as capacidades de cada, promovendo o pensamento crítico e a oferta

de oportunidades iguais para todos, 98% dos inquiridos concorda e 2% discordam. Relativamente ao sucesso educativo, 75% dos inquiridos discordam (46% - discordam e 29% - discordam totalmente) que este é sinónimo de bons resultados; no entanto, 14% concordam e 11% não sabem. Concordam com esta afirmação 45% dos inquiridos (31% - concordam e 14% - concordam totalmente), 48% discordam e 7% não sabem. Dos 85 inquiridos, 24% concorda que a educação é um processo complexo que não é para todos, 66% discorda e 10% não sabem.

Após a análise dos dados, é possível concluir que apesar de muitos docentes estarem conscientes que são necessárias bastantes mudanças na educação para que esta seja uma educação de todos e para todos, há ainda alguns docentes que não acreditam na mudança e na inovação.

3 Considerações Finais

Com este estudo, foi possível aprofundar o modo como o professor pode transformar alguns aspetos do seu exercício docente e fazer a diferença na vida dos seus alunos com base na utilização de metodologias ativas, recursos e estratégias diferenciadoras e criativas que tornam as aprendizagens dos alunos verdadeiramente significativas e motivadoras.

É indispensável entendermos a relevância que a educação tem na sociedade e na construção das relações com os outros. Segundo Pinto e Gonçalves (2015), educar é “o ato de despertar consciências para a liberdade e para a responsabilidade, sendo esta a capacidade de responder aos desafios, na medida em que somos capazes de responder ao Outro e, ao mesmo tempo, «criar uma visão do mundo que implica que também o podemos recriar segundo uma perspetiva diferente mudando a nossa situação»” (p.3). Para Adriana Gonçalves (2008), “não se educa sem paixão, sem desejo, sem envolvimento total” (p.71) e, por isso, o professor deve repensar nas estratégias de ensino e na “necessidade de investir em processos de ensino e de aprendizagem cada vez mais criativos e críticos, fomentando a descoberta do(s) talento(s) de cada aluno(a)” (Pinto & Gonçalves, 2015, p. 7).

Considerando a temática, as entrevistas realizadas consistiram numa mais-valia para uma melhor compreensão da visão dos familiares dos alunos à realidade educativa, tendo sido possível concluir que muitos deste concordam que a educação precisa ainda de percorrer um longo caminho para a mudança, salientando a importância de envolver o aluno no seu processo de aprendizagem assim como respeitar os diferentes ritmos no ato de aprender. A entrevista realizada aos alunos do 2.º CEB foi igualmente relevante para uma melhor compreensão dos sentimentos dos mesmo face às aulas, ao ambiente educativo e ao papel do professor concluindo que estes valorizam a utilização de atividades lúdicas e diferenciadoras, a compreensão dos professores face às dificuldades sentidas e a atenção disponibilizada para cada um.

É importante continuarmos a contruir este caminho de mudança, de inovação, de boas práticas e, sobretudo, um caminho direcionado para a aprendizagem de cada aluno, pois é essa a nossa missão.

4 Referências

- Cosme, A. (2018). *Autonomia e flexibilidade curricular. Propostas e estratégias de ação*. Porto Editora.
- Elias, F. (2020). *Escola, hoje e amanhã: que desafios*. Público Comunicação Social. <https://www.publico.pt/2020/02/06/impar/opiniao/escolahoje-amanha-desafios-1903125>
- Fino, C. N. (2013). O futuro da escola é o futuro. In A. Mendonça (Ed.) *O futuro da escola pública*. pp. 63-71. Funchal: Universidade da Madeira <https://digituma.uma.pt/handle/10400.13/816>
- Gonçalves, A. (2008). Educar para transformar: reflexão em torno de um percurso formativo. *Cadernos de Estudo*. ESE de Paula Frassinetti. nº 7 (2008). 71-77. <http://repositorio.esepf.pt/handle/20.500.11796/944>
- Pinto, M., & Gonçalves, D. (2015). Organização pedagógica e curricular em 1º CEB a partir da centralidade do processo de aprendizagem. In *Educação, territórios e desenvolvimento humano, Atas do I Seminário Internacional* (vol. II, pp.579-586). Porto: Universidade Católica. <http://repositorio.esepf.pt/handle/20.500.11796/2254>
- Lima, R. (2017). *A escola que temos e a escola que queremos*. Manuscrito Editora.
- Marques, H.& Gonçalves, D. (2021). Do conceito de inovação pedagógica. *Vivência Educacionais*, 7 (1), 36-45
- Martins, G. O., Gomes, C. S., Brocardo, J. L., Pedroso, J. V., Acosta Carrillo, J. L., Ucha, L. M., Encarnação, M., Horta, M. J., Calçada, M. T., Nery, R. V. & Rodrigues, S. V. (2018). *Perfil dos alunos à saída da escolaridade obrigatória*. Lisboa: Ministério da Educação. https://dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Projeto_Autonomia_e_Flexibilidade/perfil_dos_alunos.pdf
- Morgado, J. C. (2017). Desafios curriculares para uma escola com futuro. *Revista ELO*, 37-44. <http://hdl.handle.net/1822/51746>
- Pacheco, J. A. (2019). *Inovar para mudar a escola*. Porto Editora.
- Palmeirão, C., Matias Alves, J. (orgs.) (2018). *Escola e mudança -Construindo autonomias, flexibilidade e novas gramáticas de escolarização - os desafios essenciais*. Porto: Universidade Católica Editora. <http://hdl.handle.net/10400.14/26050>.